

ENTREVISTA com o Prof. Gedeão Timóteo Amorim ¹

PRISMA: Caro Prof. Gedeão Timóteo Amorim, a PRISMA – Revista de Filosofia do Departamento de Filosofia da UFAM, sente-se honrada e grata com sua disponibilidade para essa entrevista que compõe esse número especial comemorativo aos 60 anos do Curso de Filosofia.

PRISMA: Para iniciarmos nossa entrevista, gostaríamos que relatasse um pouco do contexto de sua formação escolar, as razões da escolha do curso superior, etc.

Prof. Gedeão Amorim: Minha escolarização foi feita em escolas públicas culminando com os estudos colegiais, já sob a égide da Lei 5692/71, cuja filosofia seria a obrigatoriedade do ensino profissional, o que resultou num fracasso generalizado. A escolha pelo curso de filosofia decorreu da possibilidade de encontrar, no nível superior, o esclarecimento necessário para a compreensão da realidade. O Curso de Filosofia da UFAM nos idos de 1970 fazia parte do Velho Instituto de Ciências Humanas e Letras - ICHL, num contexto de limitações de liberdades políticas e acadêmicas, com ostensivo patrulhamento ideológico. Nossas referências bibliográficas eram elementares, manualescas, e nossos mestres que, quando não professavam o pensamento oficial, eram dissimulados face às ameaças. Então, éramos um curso precário numa Universidade emergente no norte do Brasil, sem professores pós-graduados, sem pesquisa, portanto; e num ambiente político policialesco.

PRISMA: Com relação ao contexto histórico-social, o que mais gostaria de registrar.

Prof. Gedeão Amorim: O Contexto histórico-social, como se pode facilmente compreender, era do Brasil com Governo Ditatorial, com altos índices de pobreza e de analfabetos, portanto, sem grande capacidade de se manifestar politicamente. Ainda que pouco preparados as Universidades, através dos movimentos estudantis, preencheram uma imensa lacuna política ao lado de seguimentos de políticos e outras de organizações de jornalistas, movimentos de camponeses, operários da indústria etc. Nesse contexto,

¹ É professor aposentado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Licenciado em Filosofia pela UFAM e Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Foi Secretário Estadual de Educação do Amazonas. Ocupou os cargos políticos de Deputado Federal e Vereador em Manaus. Email: gedeanamorim2015@hotmail.com

alguns cursos da Universidade do Amazonas iniciaram suas organizações com a criação de Centros Acadêmicos e com esses uma extensa movimentação, o que foi muito importante para a formação de um entendimento crítico preponderante na Universidade como um todo, e daí um processo de engajamento de outras categorias da comunidade. Dentre os Centros Acadêmicos, o Centro Acadêmico Filosófico Cultura do Amazonas, o nosso CAFCA, esteve na primeira hora com quadro atuante e influenciando na organização de novos Centros. Eu diria que naquele momento nossa participação foi decisiva para a superação do estado político em que vivia o Brasil. Hoje vivemos novas dificuldades políticas, mas, como certa vez me disse a Deputada Luiza Erundina: “hoje temos a liberdade, que nos custou caro, além das torturas físicas e psicológicas, os exílios e a morte de muitos brasileiros”.

PRISMA: Gostaríamos que relatasse um pouco de sua experiência no curso de Filosofia, seja como estudante, seja como professor.

Prof. Gedeão Amorim: Eu tive a oportunidade de ser Coordenador do Colegiado do Curso de Filosofia, por pouco mais de um ano, na década de 1980. Eu vinha da experiência de diretor do Instituto de Educação do Amazonas - IEA, uma escola competente na formação de professores, o que me deu um vasto conhecimento para organizar o Currículo do Curso de Filosofia, e o fiz, inclusive com a possibilidade de opção para Bacharelado, visto que a Licenciatura tinha pouca ênfase na prática de nossos docentes. Foi um momento muito trabalhoso, trabalhando com a participação de professores e de alunos, que por vezes não tinham a necessária compreensão para a organização de um Currículo Acadêmico. Na verdade, a reformulação deve ter contribuído muito pouco, principalmente porque nossos colegas professores em nada mudaram. Essa leitura é meu entendimento sobre aquela circunstância, o que certamente já deve ter mudado bastante. Então, eu conheci nossos professores, de quem não se pode fazer muitas restrições do ponto de vista de suas atuações individuais, mas, rigorosamente, o curso não tinha a integração curricular, qual seja, a proposta acadêmica e a organização da perspectiva didático pedagógica.

Os licenciados em Filosofia eram autorizados a ministrar o ensino em diversas matérias no Ensino Básico, dada a carência de profissionais para as disciplinas específicas de seus currículos. Iniciei o Curso de Filosofia em 1977 e comecei a dar aulas no terceiro período de formação. Isso também dada as mesmas condições da falta de professores; portanto, iniciei minhas atividades de docente no Ensino Básico em 1978.

Na UFAM, iniciei minhas atividades docentes, como professor colaborador em 1984, tendo me efetivado por concurso em 1987 e me aposentei em 2013, perfazendo um total de 29 anos de UFAM. Todavia, devo deixar claro que durante muito tempo ocupei cargos de gestão administrativa e gestão acadêmico, como, por exemplo, fui Vice-diretor do ICHL, depois, Diretor do ICHL e, finalmente, Pró-reitor de Extensão. Era uma necessidade da Universidade da a qual não me furtei, mas, evidentemente, me tirou muitas oportunidades de vivenciar o cotidiano acadêmico de ensino e de pesquisa.

PRISMA: E quanto aos desafios e às satisfações da docência na UFAM, o que gostaria de registrar?

Prof. Gedeão Amorim: Meus maiores desafios na docência não me perturbaram a ponto de me inibir. Algumas pequenas coisas, como alunos influenciados por professores que vinculavam vida acadêmica com militância política, não me causavam maiores perturbações. Nunca tive problemas de relacionamentos com professores, mas nosso departamento tinha, de vez em quando, algumas vaidades expostas. Eu tive muitas circunstâncias de prazeres, algumas que carrego como orgulho, até hoje, aquelas que se manifestaram por depoimentos de alunos destacados. No universo discente temos diferentes pessoas e eu interagi com meus alunos sem deixar que eles incorporassem comportamentos anárquicos, como por exemplo, não comparecer às aulas, não lerem e não se submeterem a avaliação individual.

Como Diretor do ICHL, contribui para que o Instituto oferecesse ensino à noite, superando alguns obstáculos, como dotar as salas de energia elétrica e de ar-condicionado. Nosso Projeto Arquitetônico, premiado, não previa ar-condicionado, e eu precipitadamente transgredi e colocamos a climatização, inclusive nas salas de professores e ambientes administrativos. Foi também com a experiência de Diretor que iniciamos a oferta de cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*, à noite. Esta iniciativa, num programa amplo da Universidade, formou profissionais em diversas áreas dos estudos de pós-graduação. O Programa de Pós-graduação Natureza e Sociedade, teve origem no primeiro Mestrado do ICHL, Mestrado em Letras.

Como Pró-Reitor de Extensão, entre tantas interações que inauguramos com os setores produtivos e sociais, concebi e implementei um Programa de Formação de Docentes para professores do Ensino Básico com o governo do Estado e prefeituras, o que valeu a formação de mais ou menos quinze mil professores nas diversas licenciaturas que a UFAM oferecia. Este foi o mais abrangente projeto que a UFAM já desenvolveu.

Depois de minha passagem pela Pró-Reitora, reassumi atividades de ensino no Departamento, ministrando aulas à noite, e durante o dia minhas atividades foram exercidas, por designação do Reitor, para assumir o cargo de diretor Administrativo do Hospital Universitário Francisca Mendes. Portanto, fiquei um pouco afastado. No ano seguinte, em 2004, me afastei da Universidade para ocupar o cargo de Secretário de Educação para o interior. Em 2005, assumi a Secretaria de Estado da Educação do Amazonas até 2012, tempo em que o Amazonas começou os avanços com seus indicadores de aprendizagem da Educação Básica, saltando do 26º para o 10º lugar no ranking entre os estados do Brasil nas avaliações do INEP de 2011.

As interações pessoais continuaram, inclusive quando do Programa PROFORMAR da UEA, do qual fui consultor e convidei alguns colegas que deram considerável contribuição para a Formação de 17 mil professores do interior do Estado, inaugurando uma Metodologia revolucionária, conceito forjado pela UEA: Ensino Presencial Mediado por Tecnologia. Não fui mais presente porque sempre estive com atribuições que não me davam esse conforto, mas reputo que em todo tempo dedicado às atividades para além do Departamento de Filosofia, estive levando a contribuição da UFAM. Com a aposentadoria e o tempo dedicado à vida política, inicialmente como Deputado Federal e depois como Vereador de Manaus, tais atividades se estenderam ao ano de 2020, e não mais exerci atividades vinculadas ao Departamento.

PRISMA: Quais memórias gostaria de registrar da atuação docente - das aulas ministradas, das atividades extracurriculares, de eventuais atuações político-sociais, como participação em sindicatos, associações, etc, - de quanto exercia o magistério na UFAM.

Prof. Gedeão Amorim: Tive a oportunidade de ministrar conteúdos para muitas turmas de Licenciaturas, não só para Filosofia. Assim, acredito ter contribuído bastante por se tratar, quase sempre, de egressos de ensino médio. No magistério, no qual eu tive ampla vivência enquanto docente e também como diretor do Instituto de Educação, penso que fui um professor clássico, conservador, daqueles que observava a participação de cada discente identificando suas dificuldades e alternando metodologias muitas vezes com atendimentos individualizados. O Curso de Filosofia recebia alunos com grandes déficits de conhecimentos, notadamente em linguagem, o que me motivava a interagir com o professor de Língua Portuguesa para estabelecermos estratégias de ensino mais consonantes, como por exemplo a utilização de textos de Filosofia.

O Departamento de Filosofia foi proativo e atuante nos momentos mais delicados dos movimentos e manifestações contra o governo militar, promovendo eventos e fazendo grandes mobilizações dentro e fora da universidade, foi estratégico nas relações com os discentes para a criação do Centro Acadêmico e para o incremento do Jornal *A Questão*, instrumentos importantíssimos naquele momento nevrálgico da vida política do Brasil. Talvez tenhamos sido mais combatentes políticos do que acadêmicos propriamente, porque a realidade envolvente era urgente, por isso a efervescência política constituía um clima ativo, às vezes com traços de patrulhamento ideológico pró movimentos e engajamento em partidos políticos de esquerda, os partidos comunistas, ocupando novos espaços e o surgimento do Partido dos Trabalhadores. Além dos partidos políticos, tivemos um momento de grande força da Associação dos Docentes da Universidade do Amazonas - ADUA, e o esforço dispendido para apoiar os Sindicatos de diversos seguimentos de profissionais. Não se pode suprimir a importância de muitas lideranças da igreja católica, que embora não constituísse vinculação com a Universidade, mas nas interfaces construía o fortalecimento mútuo da luta que objetivava o envolvimento da sociedade.

PRISMA: Gostaríamos que comentasse sobre o impacto da formação docente na realidade social, avaliando a situação da educação e da filosofia no contexto atual.

Prof. Gedeão Amorim: O surgimento de grande parte das Universidades se deu sob o signo do governo militar, que apostava na possibilidade de formar homens competentes e resignados com o poder, o que contraditoriamente não aconteceu. O pensamento crítico brotou no seio das universidades e a partir daí, superamos a ditadura e iniciamos com os desafios de institucionalizar o País. Tenho acompanhado e trabalhado para o enfrentamento de muitos desses desafios. Já avançamos muito, mas ainda há imensa massa de ignorância a ser superada para melhorarmos a organização democrática do Brasil.

A organização dos currículos de Educação Básica no Brasil não reserva o tempo mais extenso para o ensino de Filosofia nesse nível. Eu entendo que além da estrutura curricular e as cargas horárias destinadas aos conteúdos de filosofia, há muito a ser feito, como, por exemplo, praticamente todos os cursos superiores têm conteúdo de Filosofia, mas nem sempre o suficiente para influir na formação mais crítica. De modo semelhante, penso que temos muitos licenciados em filosofia competentes e motivando alunos com suas aulas, mas tem sido muito comum ouvirmos estereótipos de professores de filosofia.

Por fim, sem pretensão de saber como resolver, mas sei que o que eu gostaria de ter feito quando fui Coordenador do Colegiado ainda tem um grande espaço para pensar essas possibilidades.

Talvez eu não seja das melhores pessoas para oferecer incentivos a Professores e acadêmicos de Filosofia, mas há uma coisa elementar que ouvi quando ainda não entendia, que “não é possível fazer educação sem pesquisa”. Assim, independente do objeto de estudo ou do que se pretende fazer não se pode prescindir de diagnóstico.

Penso ainda que nossos alunos precisam se dedicar a aprendizagem de línguas, portuguesa em primeiro lugar, e línguas estrangeiras, notadamente para acessar literaturas de idiomas estrangeiros, não só pra ler, mas para fazer elucubrações; todo profissional tem melhor desempenho quando domina tecnologias de informação, faz uma imensa diferença você ministrar uma aula ou uma palestra ou realizar qualquer atividade quanto mais se domine as tecnologias.